

Sequestro de carbono na seringueira vira realidade

Com o reconhecimento da intervenção humana no aumento da emissão dos gases do Efeito Estufa (GEE) na atmosfera e de seus resultados, foi adotado em 1997 o Protocolo de Quioto na Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima no Japão. Dessa forma, os países desenvolvidos têm obrigação de diminuir 5,2% suas emissões de GEE contabilizadas no ano de 1990 até 2012. Os países desenvolvidos podem fazer parcerias com outros países para que os primeiros cheguem no valor obrigatório de redução dos GEE. Entre os sistemas em operação, há alguns mecanismos de flexibilização para auxiliar no processo de redução dos GEE ou de captura de carbono, em especial o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) que permite que os países em desenvolvimento, como o Sri Lanka, participem de novos empreendimentos econômicos, como o cultivo de árvores para o sequestro de carbono.

Cultivo da borracha para o MDL

Com menores custos de produção e altas taxas de crescimento das plantas sob condições climáticas tropicais, os países em desenvolvimento localizados nos trópicos possuem uma vantagem na comercialização do seu potencial para reduzir ou sequestrar carbono para os países desenvolvidos. O compromisso dos países desenvolvidos em cumprir a taxa de redução de CO₂ até 2012 está muito além de seus alcances, por isso estão em negociação para prolongar o prazo até 2020 ou 2050, resultando em futuro garantido para os projetos de sequestro de carbono com seringueira.

A seringueira é capaz de reter 1 tonelada de CO₂ durante seu ciclo de vida econômica de 30 anos. Um hectare de seringueiras com 300 árvores poderá comercializar no mínimo 300 toneladas de CO₂.

Por exemplo, no Sri Lanka, uma árvore no final de sua vida tem

aproximadamente 90 centímetros de circunferência, mas tem-se observado que com práticas adequadas recomendadas pelo RRISL as árvores chegam a ter mais de 100 cm de circunferência. Além disso, cerca de 400 árvores poderiam ser mantidas com o plantio inicial de 515 árvores por hectare. Assim, o potencial de fixação de CO₂ atmosférico nessa área plantada seria de mais de 450 toneladas por hectare. A uma taxa de US\$ 15 por tonelada de CO₂, pode-se obter um ganho adicional de US\$ 6.750 por hectare plantado dentro dos 30 anos do ciclo de vida da árvore. Além do carbono retido nas seringueiras, o solo também pode reter 23 toneladas de carbono por hectare, equivalente a 84 toneladas de CO₂, através da queda anual de suas folhas e da grande quantidade de matéria orgânica adicionada ao solo pelas culturas intercalares e/ou de cobertura. Isso acrescentaria um valor a mais para os projetos do MDL.

Quase todo o látex extraído é submetido ao processo de vulcanização que agrega valor ao produto. Isso atrasa a decomposição e degradação da borracha e, assim, as chances de se devolver no curto prazo o CO₂ capturado para a atmosfera são baixas. Como um substituto aos produtos de borracha sintética a base de combustíveis fósseis, os produtos a base de borracha natural poderiam ser comercializados com um selo de produto “verde”, agregando mais valor que poderia resultar em maior remuneração para o produtor.

Além de aumentar as oportunidades de emprego na indústria e no comércio associados à borracha. Esse benefício tanto social quanto ambiental valoriza os projetos de heveicultura e agrega valor ao carbono comercializado.

Outras opções além da florestal

Além dos projetos de florestamento/reflorestamento diretamente ligados ao comércio de carbono pela heveicultura, os projetos de base energética do MDL podem ser desenvolvidos utilizando a madeira da seringueira como fonte renovável de energia substituindo a queima de combustíveis fósseis. Por não ser, neste caso, um projeto florestal, a plantação de seringueiras poderia ser tanto em áreas tradicionais quanto em áreas não tradicionais. Em geral, são necessários três quilos de biomassa para compensar um quilo de combustível fóssil. Nesta base, um hectare de terra (ao final de 30 anos, sob condições médias de manejo) equivale a 64 toneladas de combustíveis fósseis. Assim, a redução de emissões seria de 187 toneladas de CO₂ por hectare.

O biogás gerado pelos efluentes das fábricas de borracha poderia também ser utilizado substituindo o combustível fóssil, sendo qualificado para o comércio de carbono. Dessa maneira o potencial de redução de emissões por meio dos efluentes da borracha no Sri Lanka é estimado em 12.000 toneladas por ano. A modernização das fábricas para economia de energia elétrica no processamento da borracha também está qualificada como uma forma de comercializar o carbono, devido à redução de emissões de gás.

Atual situação

O valor comercial de uma tonelada de CO₂ varia primeiro de acordo com a lei da oferta e demanda e depois pela qualidade do projeto. Quanto maior a segurança de fixação de CO₂ e maior os benefícios sociais gerados, maior a qualidade do projeto. Os projetos de base energética do MDL com alto nível de segurança são facilmente comercializados, já que a redução de CO₂ é direta. Alguns projetos de heveicultura sob as condições do MDL estão quase finalizados, 19 projetos florestais foram registrados no Conselho Executivo do MDL para a venda de 0,8 milhões de toneladas de CO₂ por ano.

Conclusão:

A seringueira passa a ser não só a atividade mais rentável dentre todas, mas já pode ser considerada também a atividade com maior potencial para seqüestro de carbono dentro da agroindústria.

Fonte: Dr. Lakshman Rodrigo e Dr. Enoka Munasinghe, RRISL.

Texto original disponível em: <http://www.forestcarbonasia.org/in-the-media/sl-rubber-tree-should-not-only-be-for-latex-but-for-carbon-trading-too/>